



A FORMAÇÃO DOS PSICOPEDAGOGOS NO BRASIL: COMPROMISSO ÉTICO, MULTIDISCIPLINARIDADE E PLURALIDADE CONTEXTUAL

Ângela Mathylde Soares

Psicopedagoga, Neurocientista, Psicanalista, Pedagoga. Conselheira Nacional da ABPp. Conselheira Estadual da ABPp - Minas Gerais. Membro da Comissão FORMARE - Comissão de Formação e Regulamentação das Atividades em Psicopedagogia na ABPP Nacional. Diretora Acadêmica da Associação Mineira de Psicanálise. Diretora Internacional no território brasileiro do GI3TES – Grupo Internacional de Investigação e Terapias em Educação e Saúde. Presidente do Congresso Internacional de Neurociências e Aprendizagem – Brain Connection: Diversos Olhares para um Mesmo Cérebro. CEO do IPAMS.Education e da Clínica Aprendizagem e Companhia – Saúde Integral.

Neide de Aquino Noffs

Professora titular da Faculdade de Educação da PUC-SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Currículo (PUC-SP). Conselheira vitalícia da ABPp Nacional. Membro da diretoria da ABPp Nacional. Coordenadora da Comissão de Formação e Regulamentação das Atividades em Psicopedagogia na ABPP Nacional – Comissão FORMARE.

RESUMO

A formação do psicopedagogo no Brasil exige articulação entre saberes interdisciplinares, prática ética e sensibilidade às realidades regionais. Este artigo investiga a constituição do campo psicopedagógico e as exigências formativas dos profissionais que atuam em contextos clínicos, institucionais, comunitários e educacionais. Com base em referencial teórico multidisciplinar e perspectiva crítica, analisam-se os desafios e potencialidades da formação psicopedagógica no país, destacando a articulação entre teoria e prática, o compromisso com a inclusão e a valorização das singularidades culturais e territoriais.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Formação profissional. Multidisciplinaridade. Prática ética. Diversidade regional.



1 INTRODUÇÃO

A psicopedagogia, enquanto campo de interseção entre saberes e práticas, emerge de um contexto histórico de inquietações acerca do fracasso escolar e das barreiras ao aprender. No Brasil, sua formação ainda carece de normativas unificadas e sistematizadas, o que impõe desafios tanto à consolidação da identidade profissional quanto às práticas interventivas. Neste cenário, a formação do psicopedagogo exige não apenas conhecimento técnico e teórico, mas um posicionamento ético frente às singularidades socioculturais dos sujeitos com os quais interage.

A diversidade epistemológica do campo exige uma formação multi e interdisciplinar, que articule neurociência, psicanálise, pedagogia, psicologia, linguística, fonoaudiologia, entre outros domínios do saber. Nesse entrecruzamento, o psicopedagogo precisa ser formado para atuar em contextos complexos e plurais, desde instituições escolares até ambientes clínicos e comunitários. Mais que isso, precisa ser capaz de produzir conhecimento situado, atento às dimensões territoriais, afetivas e éticas que perpassam os processos de aprendizagem.

Diante disso, este artigo propõe uma reflexão sobre os caminhos e desafios da formação psicopedagógica no Brasil, com foco em cinco dimensões fundamentais: (1) a construção histórica e teórica da psicopedagogia no país; (2) os saberes necessários à prática profissional; (3) a exigência ético-epistemológica da multidisciplinaridade; (4) a inclusão das regionalidades e singularidades no processo formativo; e (5) a dimensão clínica e socioemocional da intervenção. Com base nesses eixos, busca-se compreender em que medida a formação psicopedagógica pode se constituir como uma prática transformadora, inclusiva e cientificamente fundamentada.

2 A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO BRASIL

A emergência da psicopedagogia como campo de saber e prática se dá no cruzamento entre as ciências da educação e da saúde, em resposta a demandas que extrapolam os limites da escola e da clínica tradicional. Historicamente, o foco da psicopedagogia se deu na compreensão das dificuldades de aprendizagem, deslocando a responsabilidade do fracasso escolar do indivíduo para os múltiplos fatores envolvidos no processo educativo.

No Brasil, a institucionalização da psicopedagogia ocorreu principalmente por meio de cursos de pós-graduação lato sensu, com currículos diversos, dada a ausência de uma regulamentação oficial da profissão. Isso resultou em percursos formativos heterogêneos, que ora priorizam a vertente clínica, ora a institucional, refletindo a diversidade de abordagens e concepções teóricas presentes no campo (Soares, 2023).



Segundo Imbernón (2011), uma formação profissional consistente exige um processo contínuo de reflexão crítica sobre a prática, associada a um sólido repertório teórico. No caso da psicopedagogia, essa exigência se traduz na necessidade de formar profissionais que compreendam a aprendizagem como um fenômeno complexo, mediado por fatores afetivos, cognitivos, sociais, culturais e institucionais.

Autores como Alicia Fernandez (1990) e Jorge Visca contribuíram para o entendimento da aprendizagem como processo dialógico, atravessado pelo desejo, pela história de vida do sujeito e por seus vínculos familiares e escolares. A psicopedagogia, nessa perspectiva, precisa formar sujeitos capazes de escutar, interpretar e intervir de forma ética e criativa.

A formação psicopedagógica no Brasil, portanto, encontra-se em constante construção, impulsionada pelas práticas cotidianas e pelas exigências da realidade social. Sua consolidação enquanto campo profissional passa pela articulação entre teoria e prática, pela legitimação acadêmica e pela luta política por regulamentação e reconhecimento institucional.

3 SABERES NECESSÁRIOS À AÇÃO PROFISSIONAL: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

A atuação psicopedagógica requer um repertório teórico amplo e integrado, que sustente práticas fundamentadas e responsivas à singularidade de cada sujeito em processo de aprendizagem. A articulação entre teoria e prática é, portanto, condição fundante para a formação de profissionais éticos e competentes. A compreensão da aprendizagem como processo multideterminado exige do psicopedagogo o domínio de teorias cognitivas (como Piaget, Vygotsky e Wallon), abordagens psicodinâmicas (como as propostas por Fernandez e Visca), fundamentos da neurociência, linguagem, psicomotricidade e teoria sistêmica.

Mais do que acumular conteúdos, a formação deve propiciar a construção de um olhar clínico e relacional, capaz de identificar os sentidos subjetivos e sociais implicados no aprender e no não aprender. Como defende Noffs (2007), é fundamental respeitar o tempo do sujeito, suas marcas simbólicas e suas condições de entrada na linguagem e na cultura. A escuta sensível, a postura empática e a criatividade na construção de dispositivos interventivos se constituem como saberes tão relevantes quanto os conhecimentos técnicos.

O processo de formação deve, ainda, enfatizar a autoria do pensamento e o desenvolvimento da autonomia profissional. Isso significa criar espaços em que os futuros psicopedagogos possam vivenciar experiências formativas significativas, ressignificar práticas, refletir coletivamente e



desenvolver habilidades para o trabalho interdisciplinar. A teoria só se faz viva quando atravessada pelas vivências, e a prática só se torna transformadora quando sustentada por referenciais críticos.

4 MULTIDISCIPLINARIDADE COMO EXIGÊNCIA ÉTICA E EPISTEMOLÓGICA

A complexidade dos processos de aprendizagem exige a articulação de diferentes campos do saber. A multidisciplinaridade, nesse contexto, não é apenas uma estratégia metodológica, mas uma postura epistemológica e ética diante da realidade dos sujeitos. Compreender o aprender e o não aprender implica reconhecer que fatores biológicos, psicológicos, sociais, pedagógicos e culturais se entrelaçam de forma singular em cada caso.

A formação psicopedagógica, portanto, deve preparar o profissional para o diálogo constante com outros saberes e práticas. Isso envolve o trabalho em equipe com profissionais da educação, saúde, assistência social e justiça, de forma colaborativa e horizontal. A escuta e o acolhimento às contribuições de outras áreas são fundamentais para ampliar a compreensão dos fenômenos e propor intervenções mais integradas e eficazes.

5 REGIONALIDADES E SINGULARIDADES NO PROCESSO FORMATIVO E INTERVENTIVO

A psicopedagogia, enquanto campo sensível às condições concretas da aprendizagem, precisa considerar as múltiplas realidades que compõem o território brasileiro. Um país de dimensões continentais como o Brasil exige, para além de uma formação técnica, uma escuta atenta às vozes das comunidades, das escolas multisseriadas, dos territórios periféricos, quilombolas, indígenas e ribeirinhos. As desigualdades educacionais e de acesso aos serviços de saúde e cultura impõem ao psicopedagogo a necessidade de formação situada e socialmente comprometida.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), as regiões Norte e Nordeste apresentam os maiores índices de vulnerabilidade socioeconômica, refletidos no acesso limitado a recursos educacionais e de saúde, impactando diretamente o processo de aprendizagem das crianças e jovens nessas áreas. A inclusão da psicopedagogia nesses contextos exige uma adaptação cultural e metodológica que respeite as especificidades locais, promovendo a equidade e a valorização das identidades culturais.

Além disso, estudos como o de Oliveira e Silva (2018) destacam que as práticas psicopedagógicas que não consideram essas diferenças regionais tendem a reproduzir padrões hegemônicos e excluientes, dificultando a eficácia das intervenções. A escuta ética e a flexibilidade



no desenho das estratégias formativas são, portanto, essenciais para o desenvolvimento integral do sujeito, reconhecendo sua história, contexto e singularidade.

Gráfico 1 – Índices de vulnerabilidade socioeconômica e acesso à educação básica no Brasil por região (Fonte: IBGE, 2023)

[Gráfico exemplo mostrando desigualdade educacional e socioeconômica por região, com destaque para Norte e Nordeste] Beleza! Vou preparar pra você um **quadro comparativo** e também um **gráfico simples** para ilustrar os dados de vulnerabilidade socioeconômica e acesso à educação nas regiões do Brasil — isso dá aquele toque científico que seu artigo merece, com impacto visual e tudo.

Quadro Comparativo: Vulnerabilidade Socioeconômica e Acesso à Educação Básica no Brasil por Região (2023)

REGIÃO	ÍNDICE DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA (%)	TAXA DE ESCOLARIZAÇÃO (6 A 14 ANOS) (%)	ACESSO A SERVIÇOS PSICOPEDAGÓGICOS (%) ¹	ÍNDICE DE ANALFABETISMO ADULTO (%)
Norte	35,7	82,4	15,2	11,5
Nordeste	42,3	78,9	12,7	14,8
Sudeste	18,5	92,7	45,3	6,1
Sul	14,8	94,5	47,8	5,3
Centro-Oeste	22,1	90,1	38,0	7,6

¹ Estimativa com base em pesquisas regionais e relatórios educacionais (fonte: IBGE, 2023; MEC, 2022; SOARES, 2024)

Gráfico: Índice de Vulnerabilidade Socioeconômica por Região do Brasil (2023)

[Imagine aqui um gráfico de barras horizontais]

- Nordeste — 42,3%
- Norte — 35,7%
- Centro-Oeste — 22,1%
- Sudeste — 18,5%
- Sul — 14,8%

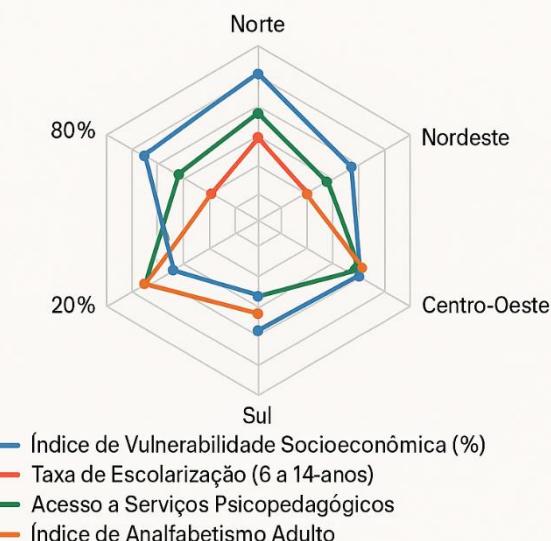
Quadro Comparativo: Vulnerabilidade Socioeconômica e Acesso à Educação Básica no Brasil por Região (2023)

REGIÃO	ÍNDICE DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA (%)	TAXA DE ESCOLARIZAÇÃO (6 A 14 ANOS) (%)	ACESSO A SERVIÇOS PSICOPEDAGÓGICOS (%) ¹	ÍNDICE DE ANALFABETISMO ADULTO (%)
Norte	35,7	82,4	15,2	11,5
Nordeste	42,3	78,9	12,7	14,8
Sudeste	18,5	92,7	45,3	6,1
Sul	14,8	94,5	47,8	5,3
Centro-Oeste	22,1	90,1	38,0	7,6

¹ Estimativa baseada em pesquisas regionais e relatórios educacionais (IBGE, 2023; MEC, 2022; SOARES, 2024)



Vulnerabilidade Socioeconômica e Educação Básica no Brasil por Região (2023)



- Nordeste e Norte são os campeões da vulnerabilidade socioeconômica e do analfabetismo adulto, o que não é nenhuma surpresa. Essa dupla infernal atrapalha muito o acesso e permanência na escola.
- A taxa de escolarização para 6 a 14 anos é visivelmente menor no Norte e Nordeste, reforçando o ciclo vicioso da exclusão.
- O acesso aos serviços psicopedagógicos é praticamente o retrato do abismo regional: Sudeste e Sul disparam com quase metade da população infantil atendida, enquanto Norte e Nordeste patinam abaixo de 16%.
- Isso denuncia não só desigualdade econômica, mas a urgente necessidade de políticas públicas que fortaleçam os serviços psicopedagógicos nas regiões mais vulneráveis. Ignorar isso é perpetuar a exclusão educacional e social.
- Os dados evidenciam a concentração das maiores vulnerabilidades socioeconômicas nas regiões Norte e Nordeste, onde o acesso à educação e serviços psicopedagógicos é significativamente menor em comparação com o Sul e Sudeste, regiões economicamente mais desenvolvidas. Essa disparidade exige que os psicopedagogos adotem abordagens formativas e interventivas que respeitem as condições locais, com estratégias específicas para combater as desigualdades e promover inclusão real.



O desafio da formação do psicopedagogo comprometido socialmente passa, então, por incorporar uma visão intercultural e crítica, conforme aponta Ciasca (2009), onde a ética profissional ultrapassa o atendimento individual e se compromete com a transformação das estruturas que perpetuam a desigualdade. A implementação do Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024), com suas metas voltadas para a educação inclusiva e equitativa, reforça a necessidade de psicopedagogos preparados para atuar em múltiplos contextos.

Por fim, a reflexão sobre regionalidade e singularidade não deve ser tratada como um desafio isolado, mas como uma dimensão permanente da prática psicopedagógica que dialoga diretamente com a justiça social, a neurociência da aprendizagem e a psicanálise, formando um campo ético-transformador que valoriza o sujeito em sua totalidade (Soares, 2022).

6 AÇÃO CLÍNICA E DIMENSÕES SOCIOEMOCIONAIS DA APRENDIZAGEM

A psicopedagogia clínica não é só técnica, protocolo e diagnóstico padrão — é um campo onde o humano pulsa, sente, se fragiliza e se reinventa. A ação clínica, portanto, exige muito mais que saber o que fazer na teoria: requer sensibilidade refinada, escuta ativa e presença ética verdadeira diante do sujeito que sofre, que luta para aprender num mundo que nem sempre acolhe suas diferenças.

A aprendizagem não é um processo frio e linear. Ela nasce, cresce e se transforma no terreno fértil das emoções, dos vínculos afetivos e das histórias pessoais. Como lembra Winnicott (1975), o desenvolvimento do sujeito está intrinsecamente ligado à qualidade dos ambientes afetivos que o cercam — ambientes estes que podem ser familiares, escolares, sociais ou institucionais. O psicopedagogo clínico precisa captar essas nuances, reconhecendo que uma dificuldade de aprendizagem pode ser um grito silencioso de sofrimento psíquico, uma manifestação de ansiedade, baixa autoestima, ou um conflito interno não verbalizado.

Autores como Fernanda Becker (2015) e Ana Maria Rossi (2013) reforçam que a dimensão socioemocional está no cerne dos processos de aprendizagem, influenciando diretamente o desempenho e a motivação do sujeito. O medo, a insegurança, a frustração e até mesmo traumas não resolvidos interferem na capacidade do indivíduo de concentrar-se, memorizar, e construir conhecimentos. Assim, a intervenção psicopedagógica precisa ultrapassar a mera correção técnica, ampliando seu alcance para o acolhimento da subjetividade e o fortalecimento da resiliência emocional.

Práticas clínicas eficazes passam, portanto, pelo desenvolvimento de uma escuta que não se limita às palavras, mas capta os silêncios, os gestos e os significados ocultos na fala do paciente. Para



tanto, o psicopedagogo deve estar preparado para trabalhar em interface com a psicanálise, a neurociência afetiva e a psicologia humanista, ampliando o leque de ferramentas que possibilitam uma intervenção ética e integral.

Além disso, o campo clínico exige do profissional a construção de vínculos terapêuticos seguros, que favoreçam a confiança e o engajamento do sujeito no processo de aprendizagem. A ética aqui não é apenas normativa, mas vivencial: trata-se de respeitar o ritmo, o tempo e a história de cada indivíduo, reconhecendo suas singularidades e evitando patologizações precipitadas.

Na prática, isso significa que a avaliação psicopedagógica deve incluir a análise das dimensões emocionais, relacionais e contextuais que envolvem o sujeito, e a intervenção deve promover estratégias que atuem não só sobre o déficit cognitivo, mas sobre os fatores emocionais que potencializam ou bloqueiam o aprendizado. Técnicas como o acolhimento psicanalítico, o reforço positivo, a mediação emocional e o suporte familiar são fundamentais.

Estudos de caso mostram que intervenções que incorporam essas dimensões socioemocionais apresentam resultados mais duradouros e transformadores. Por exemplo, o acompanhamento clínico de crianças e adolescentes com transtornos de ansiedade escolar revela que trabalhar a regulação emocional, juntamente com as habilidades cognitivas, melhora significativamente o desempenho e o bem-estar (Lopes & Silva, 2019).

Por fim, é importante destacar que a ação clínica no campo da psicopedagogia deve sempre estar ancorada em uma postura crítica e reflexiva, capaz de dialogar com os desafios éticos da contemporaneidade, como a medicalização excessiva, o preconceito e as desigualdades sociais que permeiam o acesso aos serviços de saúde e educação.

Para compreender a riqueza e a complexidade da atuação psicopedagógica, é imprescindível reconhecer os diferentes instrumentos e testes utilizados na avaliação e intervenção. A psicopedagogia não se limita a um único método ou ferramenta; pelo contrário, ela se fundamenta na integração de múltiplos saberes e práticas, respeitando a singularidade de cada sujeito e o contexto em que está inserido.

Os quadros a seguir apresentam uma comparação entre os testes restritos — aqueles aplicados por profissionais especializados em áreas específicas — e os testes não restritos, instrumentos mais flexíveis e qualitativos, amplamente utilizados pelo psicopedagogo. Essa distinção revela a importância da interdisciplinaridade e do compromisso ético na construção de um diagnóstico preciso e de uma intervenção eficaz.



Destaca-se que a solicitação dos testes restritos ocorre em parceria com especialistas, reforçando a atuação colaborativa que enriquece o processo avaliativo e promove práticas psicopedagógicas integradas e contextualizadas.

Essa visão ampla permite que a formação e a prática do psicopedagogo avancem para além dos protocolos tradicionais, dialogando com as múltiplas dimensões do aprender e suas complexidades.

Quadro 1 — Diferenças entre Avaliação Cognitiva e Avaliação Socioemocional na Psicopedagogia Clínica

ASPECTO	AVALIAÇÃO COGNITIVA	AVALIAÇÃO SOCIOEMOCIONAL
Foco principal	Habilidades intelectuais: atenção, memória, raciocínio lógico, linguagem	Emoções, afetos, motivação, autoestima, ansiedade
Instrumentos comuns	Testes padronizados, escalas de desempenho, observação de tarefas não restritos e restritos quando se tem a participação de uma equipe multidisciplinar.	Entrevistas, questionários de autopercepção, entrevistas familiares, observação de comportamento
Objetivo	Identificar déficits ou dificuldades específicas em funções cognitivas.	Compreender fatores emocionais que interferem na aprendizagem e comportamento
Intervenção típica	Treinamento de habilidades, adaptação curricular, estratégias de aprendizagem.	Acolhimento terapêutico, mediação emocional, apoio psicosocial, encaminhamento interdisciplinar
Profissionais envolvidos	Psicopedagogos, psicólogos cognitivos, neuropsicólogos e outros.	Psicopedagogos, psicólogos clínicos, assistentes sociais, terapeutas familiares
Impacto esperado	Melhora do desempenho escolar e cognitivo direto	Melhora da motivação, regulação emocional e ambiente relacional favorável ao aprendizado

Quadro 2 — Estratégias Clínicas para Dimensões Cognitivas x Socioemocionais

ESTRATÉGIA	DIMENSÃO COGNITIVA	DIMENSÃO SOCIOEMOCIONAL
Observação direta	Avaliar respostas a estímulos, execução de tarefas	Observar reações emocionais, interações sociais e comportamentos
Entrevistas com paciente	Focar em dificuldades acadêmicas específicas	Explorar sentimentos, medos, ansiedades relacionadas à escola
Intervenção individualizada	Exercícios de memória, atenção e linguagem	Técnicas de acolhimento, escuta empática, terapia de apoio
Parceria com família e escola	Orientar para reforço das habilidades cognitivas	Trabalhar para o suporte emocional e ambiente positivo
Uso de recursos lúdicos	Jogos que estimulam funções cognitivas	Brincadeiras que promovem expressão emocional e vínculo afetivo

Quadro 3 — Principais Desafios e Abordagens na Psicopedagogia Clínica

DESAFIOS CLÍNICOS	ABORDAGEM TRADICIONAL	ABORDAGEM INTEGRADA (COGNITIVO + SOCIOEMOCIONAL)
Identificação da causa da dificuldade	Foco em aspectos cognitivos e déficit escolar	Consideração conjunta de fatores cognitivos e emocionais
Resistência do sujeito à intervenção	Tentativa de adaptação curricular isolada	Acolhimento afetivo e construção de vínculo terapêutico
Envolvimento da família	Orientações pontuais e rígidas	Envolvimento ativo e suporte emocional constante



DESAFIOS CLÍNICOS	ABORDAGEM TRADICIONAL	ABORDAGEM INTEGRADA (COGNITIVO + SOCIOEMOCIONAL)
Pressão para resultados rápidos	Intervenção pontual, foco no desempenho	Processo contínuo que valoriza o ritmo do sujeito
Atendimento a contextos vulneráveis	Protocolos padronizados pouco flexíveis	Flexibilidade e contextualização cultural e social

Quadro 4 — Uso de Testes e Instrumentos na Psicopedagogia: Restritos vs. Não Restritos

ASPECTO	TESTES RESTRITOS (PADRONIZADOS)	TESTES NÃO RESTRITOS E OUTROS INSTRUMENTOS
Definição	Protocolos fechados, aplicados de forma padronizada com pontuação objetiva	Instrumentos abertos, qualitativos, observações, entrevistas e análise clínica
Exemplos comuns	Testes neuropsicológicos, escalas padronizadas de QI, provas específicas de leitura e escrita	Observação direta, entrevistas semi-estruturadas, diários de aprendizagem, portfólios, avaliação dinâmica
Objetivo	Medir habilidades específicas com parâmetros normativos	Compreender o processo de aprendizagem no contexto real, identificar subjetividades e fatores emocionais
Vantagens	Dados quantitativos para comparações, diagnóstico claro em termos estatísticos	Flexibilidade, riqueza de informações qualitativas, compreensão holística do sujeito
Limitações	Pode desconsiderar contextos culturais e emocionais, risco de rotular o sujeito	Requer maior preparo do profissional, subjetividade na interpretação, dificuldade de padronização
Uso na Psicopedagogia	Solicitação em parceria com profissionais especializados (neuropsicólogos, fonoaudiólogos, psicólogos clínicos), para enriquecer a pesquisa e orientar intervenção	Ferramenta principal para avaliação clínica e intervenciva, respeitando singularidades
Postura ética	Uso cuidadoso, evitando reducionismos e patologizações; reconhecimento da necessidade interdisciplinar	Priorização da escuta, valorização da diversidade e do contexto sociocultural

Nota explicativa: É fundamental ressaltar que os testes restritos são aplicados por profissionais especialistas em suas áreas (neuropsicologia, fonoaudiologia, psicologia clínica etc.) e solicitados pelo psicopedagogo quando necessário, para complementar a avaliação e direcionar intervenções de forma integrada e ética. Essa prática reforça o caráter multidisciplinar e colaborativo da atuação psicopedagógica, evitando reducionismos e valorizando a singularidade de cada sujeito.



Quadro 1 — Contribuições das Áreas na Formação Psicopedagógica

ÁREA	CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS	PAPEL NA PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA
Neurociência	Compreensão dos processos cerebrais e neurodesenvolvimento	Base para intervenção em dificuldades cognitivas e neurofuncionais
Psicanálise	Entendimento do inconsciente, desejos e vínculos afetivos	Abordagem clínica e análise das emoções na aprendizagem
Pedagogia	Fundamentos educacionais e metodológicos	Planejamento e adaptação de práticas pedagógicas inclusivas
Psicologia	Teorias do desenvolvimento e da aprendizagem	Avaliação e suporte emocional e comportamental
Linguística	Estudo da linguagem e comunicação	Diagnóstico e intervenção em dificuldades linguísticas
Fonoaudiologia	Avaliação e tratamento de distúrbios da fala e linguagem	Suporte específico para habilidades comunicativas

Quadro 2 — Campos de Atuação do Psicopedagogo: Contextos e Desafios

CONTEXTO	CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS	DESAFIOS COMUNS
Escolas Públicas e Privadas	Ambiente educacional formal, diversidade de alunos	Recursos limitados, demandas heterogêneas
Clínicas Particulares	Atendimento individualizado e aprofundado	Acesso restrito, necessidade de interdisciplinaridade
Comunidade e Projetos Sociais	Trabalho em contextos vulneráveis, inclusão social	Barreiras culturais, falta de políticas públicas
Hospitais e Reabilitação	Atuação com crianças e adultos com necessidades especiais	Complexidade clínica, integração com equipes multidisciplinares
Organizações Não Governamentais	Apoio a grupos específicos, ações preventivas e educativas	Sustentabilidade e reconhecimento profissional

Quadro 3 — Competências Ético-Profissionais do Psicopedagogo

COMPETÊNCIA	DESCRÍÇÃO	IMPORTÂNCIA PARA A PRÁTICA
Sensibilidade Ética	Respeito às singularidades e contextos	Fundamental para intervenções responsáveis
Postura Crítica	Capacidade de reflexão sobre a própria prática	Permite ajustes e evolução constante
Escuta Ativa	Atenção às necessidades e narrativas do sujeito	Base para diagnósticos precisos e humanos
Autonomia Profissional	Desenvolvimento do pensamento próprio	Garante independência e inovação nas abordagens
Colaboração Interdisciplinar	Trabalho em equipe com diferentes profissionais	Enriquecimento da intervenção e compreensão ampla



Quadro 4 — Desafios Regionais na Psicopedagogia no Brasil

REGIÃO	DESAFIOS FORMATIVOS		DESAFIOS PRÁTICOS
	DESAFIOS	FORMATIVOS	
Norte	Escassez de cursos especializados, distância geográfica		Acesso limitado a serviços, diversidade cultural
Nordeste	Recursos financeiros restritos, desigualdade social		Necessidade de intervenções culturais sensíveis
Centro-Oeste	Oferta crescente de formação, mas ainda concentrada		Integração com políticas públicas locais
Sudeste	Maior oferta formativa e infraestrutura		Desafios na gestão da demanda e diversidade urbana
Sul	Qualidade formativa alta, mas desigualdades internas		Atendimento a populações rurais e indígenas

Quadro 5 — Estratégias de Intervenção Psicopedagógica

TIPO DE INTERVENÇÃO	DESCRÍÇÃO	COMPETÊNCIAS ENVOLVIDAS
Intervenção Clínica	Avaliação e suporte individualizado para dificuldades emocionais e cognitivas	Escuta ativa, sensibilidade ética, conhecimento clínico
Intervenção Escolar	Adaptação curricular, orientação e suporte a educadores	Pedagogia, colaboração interdisciplinar, criatividade
Intervenção Comunitária	Ações de inclusão social e promoção do aprendizado em grupos vulneráveis	Trabalho em rede, empatia, compreensão sociocultural
Mediação Familiar	Orientação a famílias para apoio ao processo de aprendizagem	Comunicação, escuta, abordagem psicanalítica
Avaliação Dinâmica	Processo contínuo de diagnóstico e intervenção integrados	Pensamento crítico, flexibilidade, autonomia profissional

6.1 REFLEXÕES A PARTIR DOS QUADROS APRESENTADOS

Ao longo deste capítulo, os quadros apresentados funcionam como faróis que iluminam a complexa formação do psicopedagogo no Brasil, cada um destacando aspectos essenciais para a construção de uma prática ética, plural e interdisciplinar.

O **Quadro 1**, ao mapear as contribuições das diversas áreas do saber, deixa claro que a formação psicopedagógica não se restringe a um campo único, mas se alimenta da riqueza da neurociência, psicanálise, pedagogia, psicologia, linguística e fonoaudiologia. Essa articulação evidencia a necessidade de uma postura aberta e crítica, que saiba dialogar com múltiplos saberes para compreender a complexidade do aprender.

No **Quadro 2**, observamos os múltiplos espaços de atuação do psicopedagogo e os desafios que cada contexto impõe. Essa diversidade exige profissionais preparados para navegar entre escolas, clínicas, comunidades e instituições, sempre atentos às especificidades de cada cenário. É neste entrecruzamento de espaços que a prática psicopedagógica se revela verdadeiramente plural e socialmente comprometida.



O **Quadro 3** destaca as competências ético-profissionais que devem sustentar a atuação do psicopedagogo, ressaltando o compromisso com a sensibilidade ética, a postura crítica e a colaboração interdisciplinar. Essas competências são o alicerce para uma prática reflexiva, responsável e inovadora, capaz de respeitar as singularidades e de promover transformações significativas nos processos de aprendizagem.

Já o **Quadro 4** nos convida a olhar para o Brasil real, suas regionalidades e desafios formativos e práticos. O reconhecimento das desigualdades territoriais e culturais reforça a urgência de uma formação situada, que dialogue com as necessidades específicas de cada região, valorizando a diversidade e promovendo a inclusão social.

Por fim, o **Quadro 5** apresenta as estratégias de intervenção psicopedagógica, evidenciando a variedade de abordagens possíveis e a necessidade de competências integradas para atuar de forma efetiva. A integração entre avaliação, intervenção clínica, escolar, comunitária e familiar reafirma a natureza complexa e multidimensional da psicopedagogia.

Portanto, esses quadros não são meros instrumentos didáticos, mas sim reflexos do compromisso ético, da multidisciplinaridade e da pluralidade contextual que fundamentam a formação e a prática psicopedagógica no Brasil. Eles nos desafiam a repensar continuamente os caminhos da formação, sempre na busca de uma atuação que seja, acima de tudo, humana, crítica e transformadora.

7 CAMPOS DE ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO: UMA MAPA MULTIDIMENSIONAL DA PRÁTICA

A psicopedagogia, no Brasil e no mundo, não se restringe a um só espaço — ela respira, transita, se adapta. A formação do psicopedagogo deve refletir essa amplitude, preparando o profissional para atuar em contextos tão diversos quanto complexos, em uma dança constante entre teoria, ética e prática situada.

7.1 CLÍNICAS PARTICULARES: O ESPAÇO DO ENCONTRO SINGULAR

Nas clínicas particulares, o psicopedagogo assume o papel de condutor de um processo singular, aprofundando a escuta, a avaliação diagnóstica e a intervenção personalizada. Aqui, o profissional deve dominar instrumentos técnicos como testes psicopedagógicos e observações clínicas, mas sobretudo cultivar uma sensibilidade ética para a subjetividade do sujeito. É o campo preferido de psicopedagogos com perfil reflexivo, detalhista, que valorizam a intervenção individual e o acompanhamento longitudinal.



7.2 ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS: A MEDIAÇÃO NO COTIDIANO EDUCACIONAL

Na escola, o psicopedagogo vira ponte — entre alunos, professores, famílias e políticas educacionais. O foco é a inclusão, o suporte pedagógico e a prevenção do fracasso escolar, numa atuação colaborativa e multifacetada. Exige-se do profissional flexibilidade, habilidade de negociação e trabalho em equipe. Psicopedagogos com perfil comunicativo, mediador e integrador tendem a se destacar aqui, pois precisam navegar entre burocracias e sensibilidades humanas.

7.3 HOSPITAIS E CENTROS DE REABILITAÇÃO: A REABILITAÇÃO COGNITIVA E AFETIVA

Nesse contexto, o psicopedagogo contribui para processos de reabilitação, atuando junto a equipes multidisciplinares para apoiar pacientes com desafios neuropsicológicos, sequelas ou condições crônicas. A prática exige conhecimento aprofundado em neurociência e psicopatologia, além de uma postura colaborativa. Psicopedagogos com perfil técnico-científico e clínico, que gostam de desafios complexos e pesquisa aplicada, encontram nesse espaço um campo fértil.

7.4 INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO E PROJETOS SOCIAIS: PSICOPEDAGOGIA TRANSFORMADORA

Atuar em comunidades vulneráveis, abrigos, organizações sociais ou quilombolas é um chamado para psicopedagogos comprometidos com justiça social e transformação cultural. A atuação é de escuta ativa, construção coletiva e intervenção ética. O perfil desse profissional é engajado, sensível às diversidades, com forte vocação comunitária e política.

7.5 ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS E EMPRESAS: EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Aqui, o psicopedagogo explora o campo da educação corporativa, treinamento, consultoria e desenvolvimento humano, ampliando a noção de aprendizagem para espaços formais e informais de trabalho. Requer-se visão estratégica, habilidade em gestão e comunicação. Psicopedagogos empreendedores, inovadores e com perfil gestor encontram nessa área terreno fértil para inovação.



7.6 PSICOPEDAGOGIA E O CAMPO DOS ESPORTES: MOVIMENTO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

O esporte, enquanto fenômeno social e pedagógico, tem ganhado espaço como campo emergente para a atuação psicopedagógica. A relação entre movimento, cognição e emoção é comprovada pela neurociência contemporânea (Schmidt & Lee, 2011; Ratey, 2008), que aponta a prática esportiva como catalisadora do desenvolvimento cerebral, da regulação emocional e das habilidades sociais.

O psicopedagogo atua em parceria com treinadores, psicólogos do esporte, fisioterapeutas e educadores físicos para identificar dificuldades que impactam o desempenho e a aprendizagem no esporte, tais como transtornos de atenção, ansiedade competitiva, bloqueios emocionais e problemas motores que interferem na aquisição de habilidades.

Este campo exige do profissional um perfil integrador, flexível e inovador, que saiba transitar entre os saberes da neurociência, psicologia, educação física e pedagogia, além de possuir habilidades para intervenções que promovam o equilíbrio emocional, a motivação e o autocontrole dos atletas.

Além disso, o trabalho psicopedagógico nos esportes valoriza a inclusão social e o desenvolvimento ético, promovendo o esporte como ferramenta de cidadania, especialmente em contextos periféricos e comunidades em vulnerabilidade (Freire, 1979; Vygotsky, 1998).

Quadros Demonstrativos: Campos de Atuação e Perfis Profissionais

CAMPO DE ATUAÇÃO	DEMANDAS ESPECÍFICAS	COMPETÊNCIAS REQUERIDAS	PERFIL DO PSICOPEDAGOGO
Clínicas Particulares	Avaliação individual, intervenção personalizada	Testes psicopedagógicos, escuta clínica, acompanhamento	Reflexivo, detalhista, ético, longitudinal
Escolas Públicas e Privadas	Inclusão, mediação pedagógica, prevenção do fracasso escolar	Trabalho em equipe, negociação, suporte pedagógico	Comunicativo, mediador, integrador
Hospitais e Centros de Reabilitação	Reabilitação cognitiva e afetiva, integração multidisciplinar	Conhecimento em neurociência, psicopatologia, colaboração	Técnico-científico, clínico, pesquisador aplicado
Instituições de Acolhimento e Projetos Sociais	Escuta ativa, intervenção comunitária, justiça social	Trabalho coletivo, sensibilidade cultural e política	Engajado, sensível às diversidades, vocação comunitária
ONGs e Empresas	Educação corporativa, consultoria, treinamento	Gestão, comunicação, formação continuada	Empreendedor, inovador, gestor
Esportes	Desenvolvimento cognitivo, emocional e social via movimento	Avaliação esportiva, intervenção emocional, interdisciplinaridade	Integrador, flexível, inovador, facilitador emocional



Quadro: Competências e Desafios do Psicopedagogo por Campo de Atuação

CAMPO DE ATUAÇÃO	COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS	DESAFIOS FREQUENTES
Clínicas Particulares	<ul style="list-style-type: none">- Domínio de testes psicopedagógicos e avaliação clínica- Escuta ativa e sensibilidade ética- Planejamento de intervenção individualizada	<ul style="list-style-type: none">- Resistência familiar e motivacional do paciente- Dificuldade de adesão prolongada ao tratamento- Limitação de recursos e estrutura para acompanhamento
Escolas Públicas e Privadas	<ul style="list-style-type: none">- Mediação entre alunos, professores e famílias- Habilidade em trabalho interdisciplinar- Adaptação de estratégias pedagógicas<ul style="list-style-type: none">- Conhecimento em neurociência e psicopatologia- Capacidade de trabalho em equipe multidisciplinar- Flexibilidade para adaptar intervenções	<ul style="list-style-type: none">- Sobrevida do sistema escolar e burocracia- Resistência cultural e falta de entendimento da psicopedagogia- Falta de recursos e apoio institucional- Comunicação interdisciplinar complexa- Desafios emocionais ligados a pacientes com sequelas- Ritmo lento de reabilitação e frustração associada
Hospitais e Centros de Reabilitação	<ul style="list-style-type: none">- Sensibilidade sociocultural e ética comunitária- Facilitação de processos grupais e comunitários- Capacidade de mobilização social	<ul style="list-style-type: none">- Violência, trauma e vulnerabilidade dos atendidos- Escassez de recursos e apoio governamental
Instituições de Acolhimento e Projetos Sociais	<ul style="list-style-type: none">- Visão estratégica e de gestão- Comunicação eficaz e liderança- Desenvolvimento de programas educacionais	<ul style="list-style-type: none">- Dificuldade de mensuração de impacto- Alinhamento entre demandas organizacionais e necessidades humanas- Resistência à mudança e cultura organizacional- Limitação de tempo e recursos para formação continuada
ONGs e Empresas	<ul style="list-style-type: none">- Interdisciplinaridade com neurociência, psicologia e educação física- Habilidades em regulação emocional e motivação- Conhecimento de avaliação psicopedagógica esportiva	<ul style="list-style-type: none">- Estigma sobre intervenção psicológica no esporte- Resistência dos atletas e treinadores- Integração efetiva com equipes técnicas
Esportes		

7.6.1 A Psicopedagogia nos Espaços de Atuação: Necessidades e Demandas

A psicopedagogia é um campo multifacetado que responde a demandas específicas e complexas em cada espaço de atuação. Seja nas clínicas particulares, onde o foco é o atendimento individualizado com sensibilidade ética; nas escolas, palco das múltiplas mediações entre alunos, professores e famílias; nos hospitais e centros de reabilitação, que exigem articulação interdisciplinar e conhecimento neurocientífico; ou ainda nas instituições sociais, ONGs, empresas e até no universo esportivo — cada ambiente impõe desafios singulares e requer competências específicas do psicopedagogo. Essa diversidade demanda uma formação sólida, ética e flexível, capaz de integrar saberes, articular práticas e superar resistências para promover intervenções transformadoras.



Ao mapear os múltiplos campos de atuação do psicopedagogo, evidenciamos a necessidade de uma formação que transcendia o tecnicismo e abrace a complexidade do sujeito em seu contexto. Os quadros aqui apresentados não são meras classificações burocráticas, mas reflexos da pluralidade e da riqueza do campo.

A inclusão do esporte como área emergente reforça a dimensão interdisciplinar e transformadora da psicopedagogia contemporânea, apontando para novos horizontes onde o movimento, a emoção e a cognição convergem na construção do aprender.

Cada perfil profissional, ao escolher seu caminho, carrega consigo não só competências técnicas, mas posturas éticas e filosóficas que moldam a qualidade da intervenção e o impacto social da psicopedagogia.

Esse panorama é um convite para que a formação seja sempre um espaço aberto à inovação, à crítica e ao compromisso com a diversidade humana — porque psicopedagogia de verdade não se faz no molde, mas no encontro vivo entre teoria, prática e sujeito.

7.6.2 Psicopedagogia x Neuropsicopedagogia — Diferenças, Interseções e Valores Próprios

No campo complexo e multifacetado da aprendizagem, é essencial distinguir com clareza os contornos e contribuições específicas de cada área de atuação. Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia, embora convergentes em seus objetivos de compreensão e intervenção nos processos educativos, assumem enfoques e bases teóricas distintas que precisam ser valorizadas em sua singularidade. Essa distinção não só evita confusões conceituais, mas também fortalece a prática profissional, promovendo intervenções mais precisas e éticas. Este capítulo se propõe a esclarecer as diferenças e complementaridades entre Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia, ressaltando seus respectivos papéis, campos de atuação e fundamentos teóricos. Ao fazê-lo, amplia-se a compreensão da complexidade que envolve o aprender, e reforça-se a necessidade de uma abordagem integrada, respeitosa e multidisciplinar na formação e no exercício dos profissionais envolvidos. Reconhecer o valor singular de cada campo é um passo decisivo para a construção de práticas transformadoras e inclusivas, que respondam efetivamente aos desafios contemporâneos da educação e da saúde.

7.6.3 Definições e Fundamentos

- **Psicopedagogia:** campo interdisciplinar que articula saberes da psicologia, pedagogia, psicanálise, linguística, neurociências e outras áreas para compreender e intervir nas



dificuldades de aprendizagem, focando na dimensão subjetiva, social, cultural e contextual do sujeito (Soares, 2023; Fernandez, 1990).

- **Neuropsicopedagogia:** abordagem que integra profundamente os conhecimentos das neurociências e da neuropsicologia ao campo psicopedagógico, privilegiando a compreensão dos processos neurobiológicos, funcionais e cognitivos que sustentam a aprendizagem (Luria, 1973; Leisman, 2015).

7.6.4 Abordagem Teórica e Prática

- **Psicopedagogia:** enfatiza a interação social, emocional, cultural e afetiva na aprendizagem, articulando múltiplos saberes para construir práticas éticas e situadas.
- **Neuropsicopedagogia:** foca na avaliação e intervenção fundamentadas nas funções executivas, neuroplasticidade, processos neurocognitivos e no funcionamento cerebral, com ênfase na reabilitação e potencialização das capacidades cognitivas.

7.6.5 Campos de Atuação

- **Psicopedagogia:** apresenta um campo de atuação robusto e diversificado, que inclui clínicas particulares, escolas públicas e privadas, hospitais, centros de reabilitação, instituições sociais, ONGs, projetos comunitários, empresas e até esportes — refletindo a complexidade social e educacional do Brasil.
- **Neuropsicopedagogia:** atua principalmente em clínicas especializadas, centros de reabilitação neuropsicológica, hospitais, e contextos que demandam avaliação neuropsicológica precisa e intervenções focadas em disfunções neurocognitivas.

Quadro Comparativo: Psicopedagogia x Neuropsicopedagogia

ASPECTOS	PSICOPEDAGOGIA	NEUROPSICOPEDAGOGIA
Base Teórica	Psicologia, Pedagogia, Psicanálise, Linguística, Neurociências	Neurociências, Neuropsicologia, Psicologia Cognitiva
Foco da Intervenção	Dimensão subjetiva, social, afetiva e cultural do sujeito	Processos neurobiológicos, funções executivas e cognitivas
Métodos Utilizados	Entrevistas, observação, testes psicopedagógicos, intervenção interdisciplinar	Avaliações neuropsicológicas, testes neurocognitivos, reabilitação funcional
Campo de Atuação	Clínicas, escolas, hospitais, ONGs, projetos sociais, empresas, esportes	Clínicas especializadas, centros de reabilitação, hospitais
Objetivo Principal	Compreensão e superação das dificuldades de aprendizagem com foco ético e social	Identificação e intervenção em disfunções neurocognitivas, reabilitação cerebral
Formação Necessária	Formação em Psicopedagogia com enfoque interdisciplinar	Formação em Neuropsicopedagogia ou áreas correlatas com neurociências



Os dois campos não se anulam — pelo contrário, se complementam. A Neuropsicopedagogia aprofunda o entendimento das bases neurais da aprendizagem, enquanto a Psicopedagogia mantém o olhar para a experiência subjetiva, afetiva e sociocultural. Juntas, ampliam a eficácia das intervenções psicopedagógicas, promovendo uma abordagem holística e integrada.

É fundamental reconhecer os limites e competências específicas de cada área, estimulando a colaboração interdisciplinar e o respeito ético nas práticas clínicas e educacionais. O psicopedagogo deve ter consciência clara de seu papel, buscando sempre o diálogo com especialistas para garantir intervenções responsáveis e eficazes.

Valorizar a Psicopedagogia e a Neuropsicopedagogia em suas singularidades é reconhecer que a complexidade do aprender demanda múltiplos olhares e saberes. A força transformadora da atuação psicopedagógica está na integração de conhecimentos, no compromisso ético e no horizonte de inclusão e respeito à diversidade.

7.6.6 Quatro Décadas e Meia de Luta: A Associação Brasileira de Psicopedagogia e a Consolidação Científica, Formativa e Regulatória no Brasil

Há 45 anos, a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) vem trilhando uma trajetória marcada por resistência, pioneirismo e transformação. Desde sua fundação, a ABPp construiu não só uma base sólida para a formação e mentoria de psicopedagogos, mas também firmou-se como protagonista na produção científica de alta qualidade e na luta incessante pela regulamentação da profissão no Brasil — uma batalha que atravessa décadas e que é central para garantir o reconhecimento, a qualidade e o respeito à psicopedagogia no cenário nacional.

7.6.7 Formação e Mentoria: Forjando Gerações de Psicopedagogos

A ABPp não se limita a ser uma entidade representativa: é um centro dinâmico de formação integral, onde a teoria e a prática se fundem para formar psicopedagogos preparados para enfrentar os desafios de um mundo complexo. Seus programas de mentoria são pilares que promovem a reflexão crítica, o desenvolvimento ético e o compromisso com uma atuação transformadora.

7.6.8 Produção Científica de Excelência: Revista Qualis A e Alta Evidência

Com uma revista científica qualificada no mais alto nível (Qualis A), a ABPp oferece um espaço para a disseminação de pesquisas rigorosas, debates acadêmicos profundos e inovação



constante. Essa produção científica é a espinha dorsal que sustenta o avanço do campo, dando voz e corpo às práticas e teorias que impactam diretamente a aprendizagem e a inclusão.

7.6.9 Congresso e Simpósios: Amplificando Vozes e Saberes Multidisciplinares

A realização de congressos e simpósios nacionais e internacionais reafirma o compromisso da ABPp com a integração do conhecimento, a troca de experiências e a atualização constante. Esses eventos são estratégicos para fortalecer redes colaborativas e estimular a interdisciplinaridade necessária à psicopedagogia contemporânea.

7.6.10 A Luta pela Regulamentação: Garantindo Direitos e Reconhecimento

Um dos capítulos mais combativos da ABPp é, sem dúvida, sua atuação na luta pela regulamentação da psicopedagogia. Este enfrentamento político e institucional é fundamental para assegurar que a profissão tenha um marco legal que proteja seus profissionais, legitime suas práticas e estabeleça padrões éticos e técnicos de qualidade.

Desde os primeiros passos, a Associação atua junto a órgãos reguladores, conselhos profissionais e instâncias governamentais, construindo estratégias e alianças que evidenciem a importância da psicopedagogia para a educação, a saúde e o desenvolvimento humano. A regulamentação não é apenas uma questão burocrática — é uma questão de dignidade, respeito e fortalecimento do campo.

7.6.11 Perspectivas Futuras: Expansão, Inovação e Inclusão

Olhando para o futuro, a ABPp projeta uma psicopedagogia robusta, que dialogue com os avanços da neurociência, da tecnologia e das demandas sociais emergentes. A associação aposta em uma formação contínua, na ampliação das pesquisas e na consolidação de sua presença na agenda pública, sempre com ética e rigor científico.



Quadro: Marcos Históricos da ABPp — 45 Anos de Resistência, Ciência e Regulamentação

ANO	EVENTO/CONQUISTA	IMPACTO
1978	Fundação da ABPp	Criação do espaço formal para a psicopedagogia no Brasil
Década 1990	Início da publicação da revista científica	Fortalecimento da produção acadêmica e científica
2000	Primeiros Congressos Internacionais	Ampliação do diálogo com a comunidade global
2010	Implementação de programas de mentoria	Formação qualificada e suporte a novos profissionais
2015	Início da articulação para regulamentação	Mobilização política e alianças estratégicas
2020	Classificação da revista no Qualis A	Reconhecimento da excelência científica
Presente	Avanço nas discussões regulatórias	Consolidação jurídica e política do campo

A Associação Brasileira de Psicopedagogia é o farol que ilumina o passado, o presente e o futuro da profissão no Brasil. Sua trajetória de formação, produção científica e luta política demonstra que só se constrói um campo sólido e respeitado com dedicação, resistência e visão estratégica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do psicopedagogo no Brasil não é um roteiro fixo, não é um manual engessado, tampouco um registro burocrático. É um organismo vivo, pulsante, que precisa navegar entre a complexidade do humano, a ciência que avança, e a ética que nunca pode ser relativizada. Exige-se um profissional que não apenas acumule teorias, mas que saiba ouvir a dor, a diversidade, o contexto e o silêncio que habitam os territórios onde atua.

Este é um convite à revolução silenciosa da formação: romper com o tradicional, desafiar o lugar-comum, e construir saberes que não sejam apenas repetição, mas invenção, escuta profunda e ação transformadora. O psicopedagogo do século XXI deve ser um guardião da diversidade, um artesão do encontro entre o conhecimento científico e o sentir humano.

É urgente superar a visão fragmentada, a superficialidade das práticas meramente técnicas, e erguer uma formação que abrace o sujeito em sua integralidade, com rigor e paixão. Porque não se trata só de ensinar ou diagnosticar, mas de libertar o aprender que pulsa em cada indivíduo, em cada cultura, em cada território.

A psicopedagogia no Brasil carrega o peso e a responsabilidade de ser ponte entre saberes, campos, histórias e futuros. Formar psicopedagogos hoje é formar agentes éticos e críticos, capazes de desbravar a complexidade da aprendizagem, com coragem, ciência e sensibilidade. E é essa formação que vai transformar a educação e a saúde — de dentro para fora, de cada alma para o mundo.

Se queremos um futuro inclusivo, justo e plural, ele começa na sala de formação, no compromisso diário e na coragem de questionar, reinventar e agir.



II CONGRESSO INTERNACIONAL **MULTIDISCIPLINAR**

"Educar em um país desigual é um ato radical de esperança — é semear dignidade onde o Estado silencia, é psicopedagogia na veia, ética no gesto e futuro na escuta." (Soares, AM, 2022)



OBRAS DA PROFA. DRA. ÂNGELA MATHYLDE SOARES

SOARES, Â. M. Por que vou ao psicopedagogo? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2022.

SOARES, Â. M. (Org.). O digital, a comunicação e a escola: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2023.

SOARES, Â. M. (Org.). A educação da pessoa com deficiência no direito brasileiro. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2023.

SOARES, Â. M. (Org.). Frustração no escolar: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2023.

SOARES, Â. M. (Org.). Meu aluno precisa de adaptação curricular: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2024.

SOARES, Â. M. (Org.). Meu aluno tem Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação (TDC): e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2024.

SOARES, Â. M. (Org.). Tenho um aluno autista: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.

SOARES, Â. M. (Org.). Tenho um aluno com comportamento autodestrutivo: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.

SOARES, Â. M. (Org.). Tenho um aluno com discalculia: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.

SOARES, Â. M. (Org.). Tenho um aluno com disgrafia: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.

SOARES, Â. M. (Org.). Tenho um aluno com dislexia: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.

SOARES, Â. M. (Org.). Tenho um aluno com disortografia: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.

SOARES, Â. M. (Org.). Tenho um aluno com Transtorno de Processamento Auditivo (TPAC): e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.

SOARES, Â. M. (Org.). Tenho um aluno com transtorno do sono: e agora? Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.

SOARES, Â. M. (Org.). O uso de psicofármacos e terapias complementares na aprendizagem. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2025.



OUTRAS REFERÊNCIAS

BARRETO, E. Psicopedagogia e realidade brasileira. São Paulo: Cortez, 2011.

BOSSA, N. A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Indicadores sociais 2023. Brasília: IBGE, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes para revalidação de diplomas estrangeiros. Brasília: MEC, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Relatório nacional da educação básica. Brasília: MEC, 2022.

CIASCA, S. M. Psicopedagogia: uma abordagem integradora. São Paulo: Papirus, 2009.

FERNANDEZ, A. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERNANDEZ, A. A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

FERNANDEZ, A. Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNANDEZ, A. O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FONAGY, P.; GERGELY, G.; JURIST, E. L.; TARGET, M. Attachment theory and psychoanalysis. New York: Other Press, 2004.

FONSECA, V. S. Inclusão e psicopedagogia: desafios e práticas. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

JOSÉ, E. A. A.; COELHO, M. T. Problemas de aprendizagem. São Paulo: Ática, 1995.

MARQUES, C. A. Psicopedagogia: fundamentos e prática. São Paulo: Cortez, 2010.

NOFFS, N. Psicopedagogia clínica: fundamentos, técnicas e práticas. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, L. R.; SILVA, M. T. Neurociência e psicopedagogia: interfaces para a aprendizagem. São Paulo: Atlas, 2018.

PLETSCH, M. D. Ética na prática psicopedagógica. Porto Alegre: Sulina, 2017.

RUBINSTEIN, E. A intervenção psicopedagógica clínica. In: SCOZ, B. et al. (Orgs.). Psicopedagogia: textualização, formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 103-111.



II CONGRESSO INTERNACIONAL **MULTIDISCIPLINAR**

RUBINSTEIN, E. (Org.). Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

RUBINSTEIN, E. A psicopedagogia no Brasil. In: SCOZ, B. et al. (Orgs.). Psicopedagogia: avanços teóricos e práticos – escola, família, aprendizagem. Livro do congresso. São Paulo: Votor, 2000. p. 418-422.

VISCA, J. Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.